

**CARLOS  
DRUMMOND DE  
ANDRADE  
NOVA  
REUNIÃO**

**23 LIVROS DE POESIA**

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond  
www.carlosdrummond.com.br

*Graña atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor  
no Brasil em 2009.*

capa e projeto gráfico  
RAUL LOUREIRO

foto do autor  
DR/ Acervo pessoal de Carlos Drummond de Andrade

pesquisa iconográfica  
REGINA SOUZA VIEIRA

preparação  
JOEL PEÇANHA

índice de títulos e primeiros versos  
LUCIANO MARCHIORI

revisão  
ANGELA DAS NEVES  
MARINA NOGUEIRA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Nova reunião : 23 livros de poesia/ Carlos Drummond de Andrade.— 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2622-4

1. Poesia brasileira I. Título.

15-05628

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira 869.1

[2015]

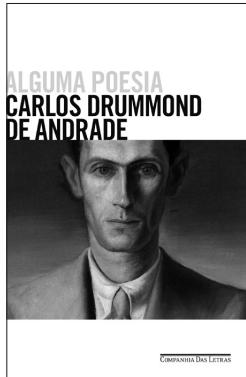
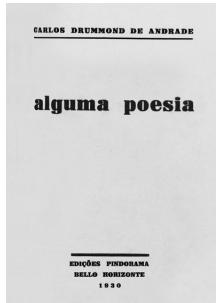
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORASCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002—São Paulo—SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
www.companhiadasletras.com.br  
www.blogdacompanhia.com.br

## SUMÁRIO

Obras integrais	
ALGUMA POESIA	9
BREJO DAS ALMAS	41
SENTIMENTO DO MUNDO	62
JOSÉ	83
A ROSA DO POVO	102
NOVOS POEMAS	205
CLARO ENIGMA	218
FAZENDEIRO DO AR	271
A VIDA PASSADA A LIMPO	289
LIÇÃO DE COISAS	322
A FALTA QUE AMA	365
AS IMPUREZAS DO BRANCO	388
A PAIXÃO MEDIDA	462
BOITEMPO I	501
BOITEMPO II	550
BOITEMPO III	626
Seleção	
VIOLA DE BOLSO	784
VERSIPROSA	803
DISCURSO DE PRIMAVERA	
E ALGUMAS SOMBRAS	845
CORPO	860
AMAR SE APRENDE AMANDO	881
O AMOR NATURAL	890
FAREWELL	896
Cronologia	
Crédito das imagens	910
Índice de títulos e primeiros versos	911

# ALGUMA POESIA [1930]

*A Mário de Andrade, meu amigo*



Poema de sete faces  
Infância  
Casamento do céu  
e do inferno  
Também já fui brasileiro  
Construção  
Toada do amor  
Europa, França e Bahia  
Lanterna mágica  
I. Belo Horizonte  
II. Sabará  
III. Caeté  
IV. Itabira  
V. São João del-Rei  
VI. Nova Friburgo  
VII. Rio de Janeiro  
VIII. Bahia  
A rua diferente  
Lagoa  
Cantiga de viúvo  
O que fizeram do Natal  
Política literária  
Sentimental  
No meio do caminho  
Igreja  
Poema que aconteceu  
Esperteza  
Política  
Poema do jornal  
*Sweet home*  
Nota social  
Coração numeroso  
Poesia  
Festa no brejo  
Jardim da Praça  
da Liberdade  
Cidadezinha qualquer  
Fuga  
Sinal de apito  
Papai Noel às avessas  
Quadrilha  
Família  
O sobrevivente  
Moça e soldado  
Anedota búlgara  
Música  
Cota zero  
Iniciação amorosa  
Balada do amor através  
das idades  
Cabaré mineiro  
Quero me casar  
Epígrama para Emílio Moura  
Sociedade  
Elegia do Rei de Sião  
Sesta  
Outubro 1930  
Explicação  
Romaria  
Poema da purificação

## POEMA DE SETE FACES

Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

As casas espionam os homens  
que correm atrás de mulheres.  
A tarde talvez fosse azul,  
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:  
pernas brancas pretas amarelas.  
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.  
Porém meus olhos  
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode  
é sério, simples e forte.  
Quase não conversa.  
Tem poucos, raros amigos  
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste  
se sabias que eu não era Deus  
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,  
se eu me chamassem Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.  
Mundo mundo vasto mundo,  
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer  
mas essa lua  
mas esse conhaque  
botam a gente comovido como o diabo.

## INFÂNCIA

*A Abgar Renault*

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.  
Minha mãe ficava sentada cosendo.  
Meu irmão pequeno dormia.  
Eu sozinho menino entre mangueiras  
lia a história de Robinson Crusoé,  
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu  
a ninar nos longes da senzala—e nunca se esqueceu  
chamava para o café.  
Café preto que nem a preta velha  
café gostoso  
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo  
olhando para mim:  
—Psim... Não acorde o menino.  
Para o berço onde pousou um mosquito.  
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava  
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história  
era mais bonita que a de Robinson Crusoé.

#### CASAMENTO DO CÉU E DO INFERNO

No azul do céu de metileno  
a lua irônica  
diurética  
é uma gravura de sala de jantar.  
Anjos da guarda em expedição noturna  
velam sonos púberes  
espantando mosquitos  
de cortinados e grinaldas.

Pela escada em espiral  
diz-que tem virgens tresmalhadas,  
incorporadas à Via Láctea,  
vagalumeando...

Por uma frincha  
o diabo espreita com o olho torto.

Diabo tem uma luneta  
que varre léguas de sete léguas  
e tem o ouvido fino  
que nem violino.

São Pedro dorme  
e o relógio do céu ronca mecânico.

Diabo espreita por uma frincha.  
Lá embaixo  
suspiram bocas machucadas.  
Suspiram rezas? Suspiram manso,  
de amor.

E os corpos enrolados  
ficam mais enrolados ainda  
e a carne penetra na carne.

Que a vontade de Deus se cumpra!  
Tirante Laura e talvez Beatriz,  
o resto vai para o inferno.

### TAMBÉM JÁ FUI BRASILEIRO

Eu também já fui brasileiro  
moreno como vocês.  
Pontei viola, guiei forde  
e aprendi na mesa dos bares  
que o nacionalismo é uma virtude.  
Mas há uma hora em que os bares se fecham  
e todas as virtudes se negam.

Eu também já fui poeta.  
Bastava olhar para mulher,  
pensava logo nas estrelas  
e outros substantivos celestes.  
Mas eram tantas, o céu tamanho,  
minha poesia perturbou-se.

Eu também já tive meu ritmo.  
Fazia isto, dizia aquilo.  
E meus amigos me queriam,  
meus inimigos me odiavam.  
Eu irônico deslizava  
satisfeito de ter meu ritmo.  
Mas acabei confundindo tudo.  
Hoje não deslizo mais não,  
não sou irônico mais não,  
não tenho ritmo mais não.

## CONSTRUÇÃO

Um grito pula no ar como foguete.  
Vem da paisagem de barro úmido, caliça e andaimes hirtos.  
O sol cai sobre as coisas em placa fervendo.  
O sorveteiro corta a rua.

E o vento brinca nos bigodes do construtor.

## TOADA DO AMOR

E o amor sempre nesta toada:  
briga perdoa perdoa briga.

Não se deve xingar a vida,  
a gente vive, depois esquece.  
Só o amor volta para brigar,  
para perdoar,  
amor cachorro bandido trem.

Mas, se não fosse ele, também  
que graça que a vida tinha?

Mariquita, dá cá o pito,  
no teu pito está o infinito.

## EUROPA, FRANÇA E BAHIA

Meus olhos brasileiros sonhando exotismos.  
Paris. A torre Eiffel alastrada de antenas como um caranguejo.  
Os cais bolorentos de livros judeus  
e a água suja do Sena escorrendo sabedoria.

O pulo da Mancha num segundo.  
Meus olhos espiam olhos ingleses vigilantes nas docas.  
Tarifas bancos fábricas trustes craques.  
Milhões de dorsos agachados em colônias longínquas formam um tapete para  
[Sua Graciosa Majestade Britânica pisar.  
E a lua de Londres como um remorso.

Submarinos inúteis retalham mares vencidos.  
O navio alemão cauteloso exporta dolicocéfalos arruinados.  
Hamburgo, embigo do mundo.  
Homens de cabeça rachada cismam em rachar a cabeça dos outros dentro de  
[alguns anos.

A Itália explora conscienciosamente vulcões apagados,  
vulcões que nunca estiveram acesos  
a não ser na cabeça de Mussolini.  
E a Suíça cândida se oferece  
numa coleção de postais de altíssimas.

Meus olhos brasileiros se enjoam da Europa.

Não há mais Turquia.  
O impossível dos serralhos esfacela erotismos prestes a declanchar.  
Mas a Rússia tem as cores da vida.  
A Rússia é vermelha e branca.  
Sujeitos com um brilho esquisito nos olhos criam o filme bolchevista e no túmulo  
[de Lenin em Moscou parece que um coração enorme está batendo, batendo  
mas não bate igual ao da gente...]

Chega!  
Meus olhos brasileiros se fecham saudosos.  
Minha boca procura a “Canção do Exílio”.  
Como era mesmo a “Canção do Exílio”?  
Eu tão esquecido de minha terra...  
Ai terra que tem palmeiras  
onde canta o sabiá!

## LANTERNA MÁGICA

### *I. BELO HORIZONTE*

Meus olhos têm melancolias,  
minha boca tem rugas.  
Velha cidade!  
As árvores tão repetidas.

Debaixo de cada árvore faço minha cama,  
em cada ramo dependuro meu paletó.  
Lirismo.  
Pelos jardins versailles  
ingenuidade de velocípedes.

E o velho fraque  
na casinha de alpendre com duas janelas dolorosas.

A dois passos da cidade importante  
a cidadezinha está calada, entrevada.  
(Atrás daquele morro, com vergonha do trem.)

Só as igrejas  
só as torres pontudas das igrejas  
não brincam de esconder.

O Rio das Velhas lambe as casas velhas,  
casas encardidas onde há velhas nas janelas.

Ruas em pé  
pé de moleque

PENÇÃO DE JUAQUINA AGULHA

Quem não subir direito toma vaia...  
Bem feito!

Eu fico cá embaixo  
muginando na ponte moderna—moderna por quê?  
A água que corre  
já viu o Borba.  
Não a que corre,  
mas a que não para nunca  
de correr.

Ai tempo!  
Nem é bom pensar nessas coisas mortas, muito mortas.  
Os séculos cheiram a mofo  
e a história é cheia de teias de aranha.  
Na água suja, barrenta, a canoa deixa um sulco logo apagado.  
Quede os bandeirantes?  
O Borba sumiu,  
Dona Maria Pimenta morreu.

Mas tudo tudo é inexoravelmente colonial:  
bancos janelas fechaduras lampiões.  
O casario alastrá-se na cacunda dos morros,  
rebanho dócil pastoreado por igrejas:  
a do Carmo—que é toda de pedra,  
a Matriz—que é toda de ouro.  
Sabará veste com orgulho seus andrajos...  
Faz muito bem, cidade teimosa!

Nem Siderúrgica nem Central nem roda manhosa de forde  
sacode a modorra de Sabará-buçu.

Pernas morenas de lavadeiras,  
tão musculosas que parece foi o Aleijadinho que as esculpiu,  
palpitam na água cansada.

O presente vem de mansinho  
de repente dá um salto:  
cartaz de cinema com fita americana.

E o trem bufando na ponte preta  
é um bicho comendo as casas velhas.

### III. CAETÉ

A igreja de costas para o trem.  
Nuvens que são cabeças de santo.  
Casas torcidas.  
E a longa voz que sobe  
que sobe do morro  
que sobe...

IV. ITABIRÁ

Cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê.  
Na cidade toda de ferro  
as farraduras batem como sinos.  
Os meninos seguem para a escola.  
Os homens olham para o chão.  
Os ingleses compram a mina.

Só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável.

V. SÃO JOÃO RFI-RFI

Quem foi que apitou?  
Deixa dormir o Aleijadinho coitadinho.  
Almas antigas que nem casas.  
Melancolia das legendas.

As ruas cheias de mulas sem cabeça  
correndo para o Rio das Mortes  
e a cidade paralítica  
no sol  
espiando a sombra dos emboabas  
no encantamento das alfaias.

Sinos começam a dobrar.

E todo me envolve  
uma sensação fina e grossa.

#### VI. NOVA FRIBURGO

Esqueci um ramo de flores no sobretudo.

#### VII. RIO DE JANEIRO

Fios nervos riscos faíscas.  
As cores nascem e morrem  
com impudor violento.  
Onde meu vermelho? Virou cinza.  
Passou a boa! Peço a palavra!  
Meus amigos todos estão satisfeitos  
com a vida dos outros.  
Fútil nas sorveterias.  
Pedante nas livrarias...  
Nas praias nu nu nu nu nu nu.  
Tu tu tu tu no meu coração.

Mas tantos assassinatos, meu Deus.  
E tantos adultérios também.  
E tantos, tantíssimos contos do vigário...  
(Este povo quer me passar a perna.)

Meu coração vai molemente dentro do táxi.

#### VIII. BAHIA

É preciso fazer um poema sobre a Bahia...

Mas eu nunca fui lá.

### A RUA DIFERENTE

Na minha rua estão cortando árvores  
botando trilhos  
construindo casas.

Minha rua acordou mudada.  
Os vizinhos não se conformam.  
Eles não sabem que a vida  
tem dessas exigências brutas.

Só minha filha goza o espetáculo  
e se diverte com os andaimes,  
a luz da solda autógena  
e o cimento escorrendo nas fôrmas.

## LAGOA

Eu não vi o mar.  
Não sei se o mar é bonito,  
não sei se ele é bravo.  
O mar não me importa.

Eu vi a lagoa.  
A lagoa, sim.  
A lagoa é grande  
e calma também.

Na chuva de cores  
da tarde que explode  
a lagoa brilha  
a lagoa se pinta  
de todas as cores.  
Eu não vi o mar.  
Eu vi a lagoa...

## CANTIGA DE VIÚVO

A noite caiu na minh'alma,  
fiquei triste sem querer.  
Uma sombra veio vindo,  
veio vindo, me abraçou.  
Era a sombra de meu bem  
que morreu há tanto tempo.

Me abraçou com tanto amor  
me apertou com tanto fogo  
me beijou, me consolou,

Depois riu devagarinho,  
me disse adeus com a cabeça  
e saiu. Fechou a porta.  
Ouvi seus passos na escada.  
Depois mais nada...  
acabou.